

Trabalho de Conclusão de Curso
Educação sexual e a relação escola/família

Patrícia Caróli Dias Gomes
Curso de Ciências Biológicas

Belo Horizonte – MG
2008

Patrícia Caróli Dias Gomes

Trabalho de Conclusão de Curso
Educação sexual e a relação escola/família

Trabalho de conclusão de curso apresentado junto ao Curso de Ciências Biológicas do Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix, como requisito parcial para obtenção do título de licenciado no curso de Ciências Biológicas.

Orientador: Prof. Msc. Fábio Augusto Rodrigues e Silva

Belo Horizonte – MG.

2008

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e meu irmão por guiarem meu caminho com amor e dedicação para que conseguisse trilhá-lo sem medo e com esperança.

Ao meu filho Caio por tornar minha vida mais completa.

Ao Kare pelo apoio e companheirismo.

A professora Renata Frizeiro do Colégio Batista Mineiro por me auxiliar com tanto carinho e empenho.

E de um modo muito especial, ao professor orientador Msc. Fábio pelo incentivo, pela dedicação e paciência na orientação.

Enfim, agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram de alguma forma para tornar possível a conclusão deste trabalho.

RESUMO

A sexualidade atualmente, é vista como problema de saúde pública, sendo a escola considerada local privilegiado para implementação de programas de disseminação de informações e posturas para a promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes e jovens. Preocupado com esse tema, este estudo tem por objetivo principal entender quais são as dificuldades encontradas pelo sistema de ensino para abordar o tema sexualidade e outros relacionados a este e perceber a importância da família nesse processo.

Palavras chave:

Sexualidade, adolescência, escola, família, educação sexual.

INTRODUÇÃO

A expressão sexualidade passou a existir a partir do século XIX como marco de individualidade, permitindo acesso à vida do corpo e à vida da espécie. Em uma nova concepção, a sexualidade passa a ser considerada um aspecto intrínseco ao ser humano, o que há de mais íntimo nos indivíduos e aquilo que os reúne globalmente como espécie humana (Altmann, 2001).

Mas até pouco tempo atrás, o comportamento sexual de um indivíduo, estava erroneamente inscrito no código moral da sociedade. Tais códigos eram transmitidos pelas famílias, religião, comunidades, como verdades naturais incontestáveis. Atualmente, esses códigos em sua maioria, estão sendo contestados (Baleeiro *et al*, 1999).

Sabe-se que durante décadas, a sexualidade foi tratada como um tabu, um assunto de pouca relevância voltada apenas para um único e exclusivo intuito: a reprodução. Ela era totalmente ignorada, tanto pelos familiares quanto pela escola. Para alguns, falar sobre sexo dentro de uma sala de aula era estimular a atividade sexual das crianças e adolescentes. Estes, por sua vez, também não se manifestavam sobre o assunto. Por não se discutir de forma alguma a sexualidade, acreditava-se que o conhecimento viria de forma natural, respondendo todas as dúvidas e incertezas possíveis do indivíduo (Azevedo *et al*, 2001).

A história da educação sexual é contemporânea e foi protagonizada por diversos segmentos sociais tais como: a Igreja Católica, classes políticas, pais, professores e escolas, movimentos de grupos que de alguma maneira adotou a sexualidade como tema de intervenção (Rodrigues & Fontes, 2002).

No Brasil, a inclusão da educação sexual no ambiente escolar iniciou-se a partir de um deslocamento no campo discursivo a respeito da sexualidade de crianças e adolescentes (Altmann, 2001).

A educação sexual na década de 20 caracterizou-se por expor reivindicações de proteção à infância e a maternidade (Silva & Salles, 2002). Nas décadas de 30 a 50, ela foi marcada pela inexistência de ações preventivas e educativas relacionadas à orientação sexual, fato este devido à rígida influência da Igreja Católica em manter sigilo e repressão ao tema (Sayão, 1997). Na década de 60, as escolas públicas e particulares incorporaram o discurso dos movimentos sociais que se colocavam a favor da

orientação sexual desenvolvendo diversos programas dentro do espaço escolar (Silva & Salles, 2002).

Assim, a partir da década de 70, o tema foi inserido nos currículos escolares por ser considerado de extrema importância para a formação global de um indivíduo (Brasil, 1998). Com a liberação da censura, a influência de movimentos feministas e as mudanças de comportamento levaram a um aumento pelo interesse no tema educação sexual (Silva & Salles, 2002).

Nesse contexto, a educação sexual foi percebida como necessária também por fatores como o aumento considerável desde a década de 80 de DST/ AIDS e da gravidez na adolescência. No início da década de 90, quando nosso país passava por uma fase de transição e mudanças comportamentais, frente aos crescentes números de casos de DST/ AIDS, os órgãos oficiais, tais como o Ministério Educação e o Ministério da Saúde, passaram a estimular projetos de educação sexual (Brasil, 2007).

A partir de 1995, programas de orientação sexual começaram a ser implantados nas escolas, orientados pelos documentos denominados de Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), elaborados pelo Ministério da Educação com apoio de diversos especialistas, sendo de grande importância para a inclusão dos conteúdos sexualidade e saúde reprodutiva (Percorari *et al*, 2005).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), um projeto de orientação sexual deverá abranger a multi e interdisciplinaridade e deverá contemplar a sexualidade em todas as suas dimensões sejam elas: biológica, psíquica, política e sociocultural (Silva & Salles, 2002). A orientação sexual deverá relaciona-se com o direito ao prazer e ao exercício da sexualidade com responsabilidade (Catharino, 2006).

Inicialmente, acreditava-se que as questões referentes à orientação sexual quando abordadas no âmbito escolar, seriam repugnadas pelas famílias mais tradicionais, mas sabe-se que atualmente os pais apóiam tais iniciativas por reconhecer a importância do tema e por eles próprios apresentarem dificuldades em falar sobre esses assuntos com seus filhos (Brasil, 1998).

Tais dificuldades estão relacionadas ao fato de que as pessoas não associam a sexualidade como algo inerente à vida, à saúde, algo natural e instintivo (Almeida *et al*, 2005).

Sabemos que, no mundo em que hoje vivemos, é impreterível a realização de ações relacionadas à educação sexual pelo simples fato destas exercerem uma importante influência na formação integral da criança e principalmente do adolescente. A omissão de tais ações educativas poderá acarretar em situações que comprometam o presente e o futuro das gerações (Saito & Leal, 2000).

Portanto, o tema sexualidade também é pertinente à esfera pública, fundamentalmente por se constituir em um problema de saúde pública (Carvalho *et al*, 2005), uma vez que o jovem é a parcela da população que está mais susceptível e vulnerável à gravidez indesejada ou precoce, à violência sexual, ao aborto, às doenças sexualmente transmissíveis e a AIDS (Carvalho & Pelloso, 2004).

A sexualidade é deste modo identificada como fator significativo e estruturador na formação da identidade do adolescente (Romero *et al*, 2007). A adolescência é uma fase da vida na qual a personalidade está em processo final de estruturação, assim, o adolescente passa a adquirir características essenciais para o seu próprio desenvolvimento psíquico e social tais como: a busca da identidade, da independência, da auto-estima, juízo crítico, busca de um projeto de vida, afetividade, sexualidade e educação (Faustini *et al*, 2003). Ocorrerá nela a consolidação da própria identidade, das identidades de sexo e gênero, da condição de elaborar sua relação como fenômeno de diferença, embora tenha sua expressão mais visível na sexualidade (Pinto, 1999).

Além disso, é essencial que os adolescentes percebam o contexto sócio-cultural em que estão inseridos para que na prática entendam, discutam e aprendam a respeitar a diversidade e conquistem a possibilidade de questionar e construir suas próprias atitudes de maneira consciente e comprometida (Gregori & Arilha *apud* Carvalho & Pelloso, 2004).

Neste contexto, a escola junto com a família desempenha um papel de agente transmissor de valores sociais (Baleeiro *et al*, 1999). A relação escola-família pode e deve exercer um papel de importância fundamental nas discussões pertinentes à sexualidade, tema este que até então era proibido, ou discutido de maneira velada. Além de propiciar discussões de temas polêmicos, cabe à escola atuar na promoção da saúde, uma vez que essas podem se concretizar em ações preventivas (Carvalho & Pelloso, 2004).

Para que isto ocorra, talvez o primeiro procedimento a ser tomado seja reconhecer a criança e o adolescente como ser sexuado embora a sexualidade não deva ser encarada como sinônimo de sexo ou atividade sexual, mas, sim, como fator integrante ao processo de desenvolvimento da personalidade (Saito & Leal, 2000).

Portanto, há uma necessidade de se buscar conhecimentos acerca da sexualidade para que o tema seja abordado de maneira mais eficaz, sendo possível manter um diálogo aberto para com os adolescentes e compreender as manifestações sexuais próprias da idade (Cano & Ferriani, 2000).

Nessa perspectiva, faz-se necessário entender quais são as dificuldades encontradas pelo sistema de ensino para abordar o tema sexualidade e outros relacionados a este e perceber a importância da família nesse processo.

DESENVOLVIMENTO

Atualmente, nosso país passa por um momento no qual vem sendo atribuída grande importância à saúde de adolescentes e jovens, o que engloba, decisivamente, a área da educação. Tal fato provavelmente está relacionado a indicadores epidemiológicos que apontam situações que solicitem um maior investimento, tanto em planejamento, quanto em cumprimento de ações voltadas para os adolescentes e jovens (Catharino, 2006).

Com relação à saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes no Brasil, o parto representa a primeira causa de internação no sistema público de saúde de meninas entre 15 a 19 anos (*Ministério da Saúde – SIH/SUS, 1996*). Estima-se que ocorram no país de 1 a 1,2 milhão de abortamentos ao ano, que constituem a 5ª causa de internação na rede do SUS e são responsáveis por 9% das mortes maternas e 25% das esterilidades por causa tubária (*Programa Saúde da Mulher/Ministério da Saúde, 1999*.) Com relação aos métodos anticoncepcionais, o percentual de utilização desses métodos entre jovens é bastante reduzido: apenas 14% das jovens de 15 a 19 anos usam algum tipo de método, enquanto que entre as de 20 e 24 anos o percentual é de 42% (*Dados do Demography Health Survey – DHS/96; FNUAP – Brasil*.) Já o crescimento da incidência de AIDS entre os jovens vem sendo sublinhado por diferentes estudos. Os estudos epidemiológicos existentes avaliam que vários portadores de AIDS adquiriram a doença durante a adolescência, sendo a relação sexual a principal via de contaminação (Ministério da Saúde, 1994). Dados nacionais de 1996 informam que, entre os jovens contaminados, cerca de 1/3 tinha entre 15 e 17 anos e 2/3, 18 ou 19 anos sendo que a maior causa de contaminação entre os jovens tem sido a relação heterossexual (*CNPD, 1997*) (Rede Nacional Feminista de Saúde e Direitos Reprodutivos, 1999). De acordo com Institute Alan Guttmacher (1998), 50% das novas infecções pelo HIV no mundo estão ocorrendo em pessoas de 10 a 24 anos. A cada minuto, cinco jovens se contaminam com o HIV, o que representa um total de 7 mil contágios diários e mais de 2,6 milhões ao ano (Rede Nacional Feminista de Saúde e Direitos Reprodutivos, 1999).

Os dados apresentados justificam a necessidade da realização de estudos para verificar o grau de conhecimentos dos adolescentes e jovens relacionados às questões sexuais. Os altos índices de gravidez na

adolescência, aborto e níveis crescentes de doenças sexualmente transmissíveis, principalmente em adolescentes mulheres, corroboram com a informação de que a orientação sexual praticada pela família ou pela escola está falha ou inexistente e, portanto, constitui importante tema de discussão, tornando-se clara a necessidade de haver intervenções no cotidiano escolar (Rodrigues & Fontes, 2002).

Neste sentido, considera-se que tratar e discutir sobre a sexualidade durante a adolescência é fundamental, especialmente porque isso pode oferecer respostas aos questionamentos e às inquietações emocionais e cognitivas que acompanham a transformação biológica que ocorre no corpo do adolescente, ainda mais porque tais transformações estão emparelhadas com a mudança nas relações sociais (Gregori & Arilha *apud* Carvalho & Pelloso, 2004). Por ser a adolescência um período da vida em que a personalidade está em um intenso processo de estruturação, nesta conjuntura, a sexualidade pode ser considerada um importante fator que contribui na formação da identidade do adolescente (Gomes *et al*, 2002).

Segundo Carvalho (2001), as idéias e conceitos que os adolescentes têm de sua própria sexualidade, fazem com que eles elaborem perguntas simples que possibilitam a ampliação de seus conceitos e ou esclarecimentos de suas verdades. Esses conhecimentos produzidos, na maioria das vezes através do que assimilaram dos colegas, revistas e até mesmo da mídia, podem estimular o desejo de desmistificar e organizar essa gama de informações esparsas.

Sabe-se que as informações referentes aos aspectos de crescimento e de desenvolvimento psicossocial e sexual, imprescindíveis para a formação da identidade dos jovens, não os têm alcançado de forma ampla e adequada, ocasionando altos índices de desinformação, o que é um antagonismo com o amplo desenvolvimento sociocultural e tecnológico nas últimas décadas (Gomes *et al*, 2002).

Uma possível explicação para esse fato pode estar associada às mudanças drásticas relacionadas a questões da sexualidade na atualidade. No atual contexto, os pais e os educadores podem não se sentir capacitados para abordar tais questões tão atuais e polêmicas. Para os pais, o fato de terem que se defrontar com sua própria sexualidade pode gerar situações de angústia

ocasionados por momentos reprimidos em formação da sua identidade sexual (Cano & Ferriani, 2000). Com relação aos educadores, uma explicação seria a carência de informações e de uma formação adequada para trabalhar conhecimentos relativos à afetividade e a sexualidade (Sayão, 1997). Afinal, observa-se que apesar da relevância da sexualidade para a plena formação do adolescente, poucos são os estudos no Brasil acerca disso, e, na prática, nem todos os educadores estão habituados ou capacitados a tratar da questão (Romero *et al*, 2007).

Com a omissão dos pais e dos educadores em relação à sexualidade, cresce a preocupação com fatores de grande importância que podem influenciar de modo adverso a saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes, agindo de forma danosa no seu processo de crescimento e desenvolvimento naturais. Nessa perspectiva, as discussões temáticas sobre sexualidade poderão ganhar novos rumos promovendo reflexões e decisões relevantes que desencadearão comportamentos sexuais saudáveis e responsáveis pelos jovens e adolescentes.

De acordo com Barroso e Bruschini (1991), o diálogo familiar influenciará de modo determinante na educação sexual dos filhos, fato este devido à forma rígida e estereotipada que ainda propõem a nossa sociedade para os papéis sexuais. No entanto, tais padrões comportamentais começam a ser protestados pelos jovens, e a partir disso, as escolas passam a discutir as questões de sexualidade de forma mais aberta e problematizadora cabendo a ela o papel de efetuar uma ação crítica, reflexiva e educativa que promova a busca pela saúde sexual e reprodutiva consciente (Altmann, 2001).

Ao desenvolver trabalhos com adolescentes relacionados à sexualidade, é imprescindível que o educador respeite a realidade de cada um, e não enfatize somente o que considere necessário para eles ou o que acredite seja o que gostariam de saber. Essa abordagem construtivista permite ao adolescente se sentir como sujeito participativo nos processos de ensino-aprendizagem possibilitando uma maior abertura entre ele e o educador para sanar suas freqüentes dúvidas (Alves *et al*, 2004).

Uma pesquisa desenvolvida em uma cidade da zona norte do Rio de Janeiro confirma que os jovens demonstraram total interesse em discutir temas relacionados à sexualidade e revelaram que acreditam nas ações educativas

promovida pela escola e que esta é vista por eles como espaço de liberdade, nas quais tabus e mitos podem ser desmistificados. Esta confiança deve ser valorizada por parte de pais e principalmente educadores, uma vez que pode servir como um impulso para revigorar nossa educação (Catharino, 2006).

Em uma reportagem divulgada pela Revista Nova Escola em junho de 1994, através de uma pesquisa realizada pela Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE), ficou confirmado que os jovens esperam receber da escola algum tipo de informação sobre sexualidade e formas de prevenção da AIDS (Silva & Salles, 2002). De acordo com esses adolescentes, a escola foi eleita local ideal para inserir a educação sexual por possuir uma estrutura adequada para oferecer um melhor aprendizado favorecendo as relações sociais que influenciam direta ou indiretamente o indivíduo (Catharino, 2006).

Em outra pesquisa realizada entre professores, pais e alunos de 7^a série do ensino fundamental e de 1^a série do 2^o grau em nove escolas brasileiras, os alunos afirmam receber informações suficientes para que se previnam contra DST/AIDS como ilustra o depoimento de um aluno avaliado: “*Falta de informação não... Passa direto na televisão. Todo mundo, todo professor aborda o assunto*” (aluno/IG) (Gomes *et al*, 2005).

Ainda sobre informações transmitidas acerca da transmissão HIV/AIDS, depoimentos de alunos revelaram que de alguma forma, ocorre assimilação por parte deles de informações divulgadas pelas campanhas preventivas como sugere em outro depoimento: “... *a Aids não escolhe pessoas, escolhe a pessoa que não se cuidou, que não usou preservativo*” (aluno/JF) (Gomes *et al*, 2005).

Segundo Barros (2001) e Fernandes (1998), a mídia apresenta-se como um importante meio de veiculação de informações com relação à transmissão das DST/AIDS, mas erra em outros aspectos.

Em suas diversas demonstrações, a mídia adquire relevante papel ajudando a moldar visões e comportamentos (Brasil, 1998). Por ser um importante meio de informação, ela veicula conteúdos eróticos que servirão de estímulo sexuais para as crianças e adolescentes, conteúdos moralistas e preconceituosos, mas, além disso, também veicula campanhas educativas e

preventivas podendo gerar mensagens controversas que produzam conceitos e explicações tanto certas quanto errôneas e fantasiosos (Brasil, 2007).

Em geral, a mídia através de sua exploração comercial e propagandas têm provocado efeitos contraditórios ao utilizar abusivamente da sexualidade, atribuindo valores discutíveis e a transformando em objeto de consumo (Brasil, 1998).

Assim, a orientação sexual proposta pela escola deve abordar a influência exercida pela mídia através da veiculação de suas mensagens bem como as informações provindas da família e de outros meios utilizados pelas crianças e adolescentes. A escola ao trabalhar informações atualizadas e explicitar os múltiplos valores associados à sexualidade e aos comportamentos sexuais vivenciados pela sociedade, possibilitará ao seu aluno desempenhar atitude consciente com os seus próprios valores (Brasil, 1998).

Enfatizando outro assunto referente à sexualidade, um estudo realizado com adolescentes de 15 a 19 anos de idade, matriculados em uma unidade de Saúde da Família em um município de São Paulo, sujeitos que dispunham de uma ampla rede para se obter informações relacionadas à sexualidade, demonstra que os próprios adolescentes relataram que os diálogos e as elucidações sobre sexo aconteciam com maior frequência entre amigos ou um membro da família como tios e tias, primos e primas, embora ressaltassem que dúvidas sobre prevenção de gravidez eram questionadas com seus próprios pais, em especial a mãe. Essa informação evidencia que o pai é pouco participativo nas conversas sobre sexualidade. Com relação as dúvidas pertinentes a doenças sexualmente transmissíveis e AIDS eram solucionadas com professores e profissionais da saúde. (Borges *et al*, 2006).

Nessa reflexão, observa-se mais uma vez que os jovens percebem que os pais trazem consigo uma experiência a ser considerada na discussão sobre o tema sexualidade em geral, entretanto, diante das dificuldades sofridas pelos pais para abordar tais assuntos, há a necessidade de se buscar informações por outras fontes (Gomes *et al*, 2005).

O caminho a ser tomado para quebrar o silêncio, o tabu, o mito e a vergonha de se falar sobre sexualidade entre pais, filhos e educadores está em uma postura livre de preconceitos que aceite o outro como pessoa de forma

integral e que entenda a suas necessidades e que o ajude a vencer suas dificuldades (Almeida *et al*, 2005).

O propósito da educação sexual deve conter fundamentalmente o sentimento de liberdade, responsabilidade e compromisso, tendo a informação como instrumento de trabalho para que os próprios adolescentes possam ponderar suas decisões e optar por escolhas adequada e consciente (Saito & Leal, 2000).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É extremamente importante que os assuntos relacionados a sexualidade sejam tratados no âmbito escolar, mas para que se obtenha um efetivo sucesso se faz necessário à existência de uma parceria escola/família, não devendo incumbir e limitar o assunto somente para a escola (Almeida *et al*, 2005). É na convivência familiar entre pessoas que se prezam e superam dificuldades, que questões referentes à sexualidade devem ser discutidas, levando em consideração seus valores, atitudes e crenças (Cano & Ferriani, 2000).

Macedo & Souza (1996) observaram que a comunicação entre pais e filhos sobre o início da vida sexual e sobre sexualidade auxilia na redução do comportamento de risco e aumenta os índices de uso dos métodos preventivos durante as atividades sexuais. Da mesma maneira escolas que tenham programas de educação sexual auxiliam nestes aspectos.

Diante dessas constatações, conclui-se que a perspectiva escolar deve ser ampliada sempre que possível, abordando conhecimentos, habilidades e competências cada vez mais relevantes sobre adolescência e sexualidade.

A partir daí, ocorrerá o desenvolvimento de técnicas de abordagem mais adequadas e pertinentes ao ensino. É necessário também preparar e capacitar o corpo docente assim como a escola como um todo para estarem aptos a lidar com adolescentes sedentos de conhecimento (Saito & Leal, 2000).

A parceria escola/família precisa ser estabelecida e mantida harmoniosamente uma vez que ambas desempenham ação fundamental na educação e orientação. Contudo, é importante enfatizar que a escola valorize mais a educação sexual assim como as demais disciplinas que a concerne. Isso significa ressaltar não somente a frequência da abordagem bem como a forma de fazê-la. Deste modo, permitirá uma abertura nas discussões, nos debates, uma troca de idéias envolvendo assuntos relacionados a gênero, conceitos, pré-conceitos e crenças. Essa abordagem favorecerá o desenvolvimento gradual e constante do aluno para que este exerça uma vida sexual saudável e consciente.

Nossa educação ainda tem um longo caminho a percorrer, tarefas árduas a se cumprir, conhecimentos errôneos a se derrubar e acima de tudo

habilitar educadores e pais para que estes possam conduzir adequadamente o processo de reflexão do indivíduo, tendo discernimento para não transmitir normas, padrões sociais e opiniões como princípio ou verdades absolutas.

Esse alicerce é essencial para que o adolescente seja capaz de eleger seus valores com autonomia própria, tomar posições e decisões de maneira ordenada, consciente e responsável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, Djanira Soares; COSTA, Raphaela Leoni; SILVA, Taís Mateus. **Chega de tabu! A sexualidade sem medo e sem cortes.** Disponível em: <www.unesp.br/prograd/PDFNE2005/artigos/capitulo%201/chegadetabu.pdf> Acesso em : 27 novembro 2008.

ALTMANN, Helena. **Orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais.** Rev. Estud. Fem. Florianópolis, v. 9, n. 2, p 575-585, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8641.pdf>>. Acesso em: 14 julho 2008.

ALVES, Maria de Fátima Paz; SILVA, Macilene Severina; SILVA, Marcelo Rodrigues. **Sexualidade e Adolescência: É Preciso Vencer os Tabus.** Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, Belo Horizonte, 2004. Disponível em: <www.ufmg.br/congnext/Educa/Educa169.pdf>. Acesso em: 24 maio 2008.

AZEVEDO, Maria; MOREIRA, José Augusto; CONFORTO, Maria Thereza. **Educação Sexual ou Orientação Sexual?** Disponível em:<<http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2001/se2/se2txt1.htm>> Acesso em: 06 setembro 2008.

BALEEIRO, Maria Clarice, *et al.* **Sexualidade do Adolescente: fundamentos para uma ação educativa.** Salvador: Fundação Odebrecht; Secretaria de Estado da Educação e Secretaria da Saúde de Minas Gerais, 1999.

BARROS, Teodoro, *et al.* **Un modelo de prevención primaria de las enfermedades de transmisión sexual y del VIH/ sida en adolescentes.** Rev Panam Salud Pública, Panamá, v.10, n. 2, 2001. p. 86-94. Disponível em: <<http://demo.scielo.bvsalud.org/pdf/rpsp/v10n2/5861.pdf>> Acesso em: 27 novembro 2008.

BARROSO, Carmen; BRUSCHINI, Cristina. **Sexo e juventude: como discutir a sexualidade em casa e na escola.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

BORGES, Ana Luiza Vilela; NICHATA, Lúcia Yasuko; SCHOR, Néia. **Conversando sobre sexo: a rede sociofamiliar como base de promoção da saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes.** Rev. Latino-am. Enfermagem, v. 14, n. 3, 2006.

Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v14n3/v14n3a17.pdf>>. Acesso em: 21 novembro 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Gênero e Diversidade Sexual na Escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos**. Brasília: MEC/SECAD, 2007. Disponível em: <portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/escola_protege/caderno5.pdf>. Acesso em: 27 novembro 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf>> . Acesso em: 14 julho 2008.

CANO, Maria Aparecida Tedeschi; FERRIANI, Maria das Graças Carvalho. **Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico**. Rev. Latino Am. Enfermagem, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, Abril 2000. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v8n2/12413.pdf>>. Acesso em: 24 maio 2008.

CARVALHO, Alysson; RODRIGUES, Cristiano Santos; MEDRADO, Kelma Soares. **Oficinas em sexualidade humana com adolescentes**. Estudos de Psicologia, Natal, v. 10, n. 3, 2005. p. 377-384. Disponível em: < <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/261/26110306.pdf>> Acesso em: 29 novembro 2008.

CARVALHO, Maria Dalva; PELLOSO, Sandra Marisa. **Discutindo a sexualidade o que os adolescentes querem saber**. Revista Apadec, Maringá, v. 8 (supl). 2004. Disponível em: <http://www.pec.uem.br/pec_uem/revistas/revista%20APADEC/trabalhos/c6_laudas/CARVALHO,%20Maria%20Dalva%20de%20Barros.pdf>. Acesso em: 14 fevereiro 2008.

CATHARINO, Tânia Ribeiro. **Gênero e sexualidade no espaço escolar: uma proposta de educação e saúde**. Revista Ártemis, Rio de Janeiro, n. 5, 2006. Disponível em: < http://www.prodema.ufpb.br/revistaartemis/numero5/artigos/artigo_05.pdf> Acesso em: 22 maio 2008.

DIAS, Ana Cristina Garcia; GOMES, Willian. **Conversas sobre sexualidade na família e gravidez na adolescência: A percepção dos pais**. Estud Psicol., Natal, v.

4, n. 1, 1999. p. 79-106. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v4n1/a06v04n1.pdf>> Acesso em: 29 novembro 2008.

FAUSTINI, Dulce Mérici Tótola, *et al.* **Programa de orientação desenvolvido com adolescentes em centro de saúde: conhecimentos adquiridos sobre os temas abordados por uma equipe multidisciplinar.** *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 8, n. 3, 2003. p. 783-790. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/csc/v8n3/17458.pdf>> Acesso em: 03 setembro 2008.

FERNANDES, João Carlos. **Evolução dos conhecimentos, atitudes e práticas relativas ao HIV/AIDS em uma população de favela do Rio de Janeiro.** *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, 1998. p. 575-581. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/csp/v14n3/0094.pdf>>. Acesso em: 27 novembro 2008.

GOMES, Romeu, *et al.* **Informações e valores de jovens sobre a Aids: avaliação de escolares de três cidades brasileiras.** *Ciências saúde coletiva*, Rio de Janeiro v.10, n.2, 2005. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n2/a16v10n2.pdf>> Acesso em: 22 maio 2008.

GOMES, Waldelene, *et al.* **Nível de informação sobre adolescência, puberdade e sexualidade entre adolescentes.** *Jornal de Pediatria*, Salvador v. 78, n. 4, 2002. Disponível em: < http://biblioteca.universia.net/html_bura/ficha/params/id/270446.html> Acesso em: 24 maio 2008.

MACEDO, Rosa Maria; SOUZA, Rosane Mantilla. **Adolescência e sexualidade: uma proposta de educação para a família.** Associação Nacional de pesquisa e pós-graduação em Psicologia, São Paulo, 1996. Disponível em: < <http://www.infocien.org/Interface/Colets/v01n02a03.pdf>> Acesso em: 29 novembro 2008.

PERCORARI, Eliane; CARDOSO, Luciana; FIGUEIREDO, Tathiana. **Orientação sexual em escolas de ensino fundamental: um estudo exploratório.** *Cad. Psicopedagogia.*, São Paulo, v. 5, n. 9, 2005. Disponível em: < http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167610492005000100002&lng=pt&nrm> Acesso em: 06 setembro 2008.

PINTO, Enio Brito. **Orientação sexual na escola.** São Paulo: Editora Gente, 1999.

REDE NACIONAL FEMINISTA DE SAÚDE E DIREITOS REPRODUTIVOS (Brasil). **Dossiê Adolescentes Saúde Sexual e Reprodutiva, 1999.** Disponível em: < <http://www.redesaude.org.br/Homepage/Dossi%EA/Dossi%EA%20Adolescentes%20Sa%FAde%20Sexual%20e%20Reprodutiva%201.pdf> > Acesso em: 24 maio 2008.

RODRIGUES, Isilda Teixeira; FONTES, Alice. **Identificação do papel da escola na educação sexual dos jovens.** Investigações em Ensino de Ciências, Portugal, v. 7, n. 2, 2002. p. 177-188. Disponível em: <http://www.if.ufrgs.br/public/ensino/vol7/n2/v7_n2_a4.htm > Acesso em: 19 fev. 2008.

ROMERO, Kellencristina, *et al.* **O conhecimento das adolescentes sobre questões relacionadas ao sexo.** Rev. Assoc. Med. Bras., São Paulo, v. 53, n. 1, 2007. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-42302007000100012&tlng=en&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 agosto 2008.

SAITO, Maria Ignez; LEAL, Marta Miranda. **Educação sexual na escola.** Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo , São Paulo, v. 22, n. 1, 2000. p. 44-48. Disponível em: < <http://www.pediatriasaopaulo.usp.br/upload/pdf/451.pdf>> Acesso em: 06 novembro 2008.

SAYÃO, Rosely. **A Educação Sexual nossa de cada dia.** Série Idéias, São Paulo, n. 28, 1997. p. 269-281. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_28_p269-281_c.pdf>. Acesso em: 14 julho 2008.

SILVA, Adriana Cândido; SALLES, Leila Maria Ferreira. **A orientação sexual na revista Nova Escola.** Educação Teoria e Prática, Rio Claro, v. 10, n. 18/19, 2002. p. 15-23. Disponível em: < <http://www.inep.gov.br/PESQUISA/BBE-ONLINE/det.asp?cod=60060&type=P>> Acesso em: 27 novembro 2008.